

TEMPO DE REVOLUÇÃO

18 DE NOVEMBRO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 13

Como combater o racismo



Vale tudo contra Bolsonaro?

Quando a direção do PSOL manobrou no congresso do partido, jogando para o ano que vem a decisão de uma candidatura presidencial para 2022, obviamente a inviabilizou. Fez-se a vontade dos que controlam a cúpula do partido, sem o vexame de terem que defender isso abertamente: o PSOL não terá candidato à presidência da república e deverá apoiar a candidatura do PT já no primeiro turno (mesmo que formalmente a decisão vá ser tomada em convenção partidária, é muito difícil que isso se reverta).

Oras, a que vem então o PSOL? Se não ousa sequer apresentar um programa alternativo ao do PT nas próximas eleições gerais, por que a separação do PT há mais de 15 anos e a formação de um novo partido? Teria o PT se regenerado nesse ínterim para merecer tal adesão? Infelizmente, não. O PT degenerou-se ainda mais. O que ocorre é que a atual direção do PSOL, em vez de defender a derrubada do capitalismo, passou à linha da “defesa da democracia”, que na prática é a defesa do capitalismo e de suas instituições. Nisso, a sintonia com o PT não poderia ser mais perfeita.

Sem uma candidatura do PSOL, resta a uma vanguarda combativa de esquerda votar em Lula já no primeiro turno, mesmo com todas as críticas e senões, para derrotar Bolsonaro. Embora mui-

tos não o quisessem fazer, embora muitos o façam sem gosto, a maioria entende que não haverá como evitar. Entretanto, os murmúrios de que há a possibilidade de Geraldo Alckmin sair do PSDB e compor a chapa de Lula como seu vice trouxeram à tona uma discussão importante: vale tudo contra Bolsonaro? Vale votar em qualquer coisa?

Se nos próximos 11 meses não ocorrer uma explosão social neste país (algo que não pode ser descartado), nos restará fazer uma campanha pelo voto crítico em Lula. Mas, para os revolucionários, no contexto atual, isso só será possível, exigindo de Lula um programa de defesa da classe trabalhadora.

Há aqueles que, reagindo à notícia de um possível vice (ex)tucano, torcem o nariz e dizem que desse jeito preferem anular o voto. Por outro lado,

há aqueles que advogam que, contra Bolsonaro, os trabalhadores deveriam votar até mesmo no Aécio Neves se ele fosse candidato pelo PSDB num eventual segundo turno. É a lógica do “primeiro a gente tira o Bolsonaro”, sem importar-se com o que se coloca no lugar.

Para os marxistas, esta questão deve ser analisada sob a luz da luta de classes. Como uma direção partidária coerente com a denominação “socialista” deveria se portar?

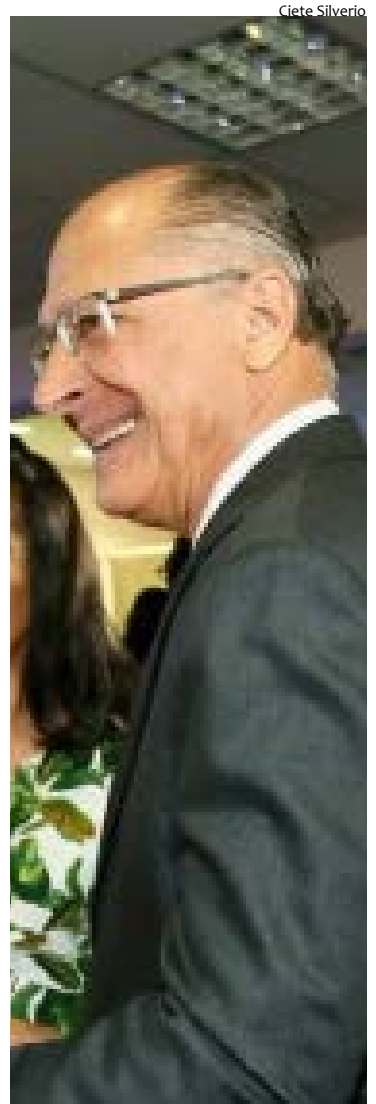
1. Todas as energias do partido agora, e desde o início do governo Bolsonaro, deveriam estar voltadas para organizar a revolta, a greve geral, as lutas de rua para derrubar o governo.

2. Dado o fato de que a luta de massas pelo “Fora Bolsonaro” foi bloqueada justamente pelos partidos da dita “esquerda”, o PSOL (que atuou em coro com PT e PCdoB para realizar este bloqueio), para se redimir, agora deveria ter uma candidatura própria que defendesse um programa abertamente socialista, de expropriação do capital e medidas radicais de transformação da sociedade. Se tal candidatura não conseguisse conquistar apoio eleitoral suficiente para disputar o segundo turno, aí o PSOL poderia apoiar Lula num eventual segundo turno contra Bolsonaro.

3. Na ausência de uma candidatura psolista (tanto no primeiro quanto no segundo turno), o apoio do PSOL a uma candidatura petista deveria se dar



RICARDO STUCKERT



Ciete Silverio

com base em uma discussão ou negociação por um programa que no mínimo se comprometesse a revogar as contrarreformas de Temer e Bolsonaro e que apontasse para o não pagamento da dívida pública, ou seja, uma candidatura de ruptura com o capital. E uma candidatura com tal programa, obviamente, estaria limitada a alianças apenas com os partidos da classe trabalhadora.

A realidade vem se apresentando como algo muito pior que isso. O PSOL não só muito provavelmente não terá candidato, como não apresentará nenhuma condição para apoiar a candidatura de Lula desde o início, mesmo ela claramente tendo um programa capitalista, de continuidade da política econômica de Paulo Guedes, com alianças ao

maior número possível de partidos burgueses que o PT conseguir atrair. Então, que fazer?

Se nos próximos 11 meses não ocorrer uma explosão social neste país (algo que não pode ser descartado), nos restará fazer uma campanha pelo voto crítico em Lula. Mas, para os revolucionários, no contexto atual, isso só será possível, exigindo de Lula um programa de defesa da classe trabalhadora, responsabilizando-o por isso e organizando a luta nas ruas a partir do primeiro dia do novo governo. Durante a campanha, deveremos explicar claramente que o programa político de Lula não é válido para mudar a realidade social e econômica do país, mas que há uma diferença grande entre desenvolver nossa luta

EXPEDIENTE

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

Diretor de Publicação: Serge Goulart
Editor: Evandro Colzani
Conselho Editorial: Alex Minoru, Bruna dos Reis, Caio Dezorzi,

Flávio Reis, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho, Maritania Camargo e Serge Goulart
Comitê de Redação: André Mainardi,

Flávia Antunes, Francine Hellmann, Henrique de Macedo, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares

Diagramação: Henrique de Macedo
Capa: Evandro Colzani
Jornalista Responsável: Rafael Prata
MTB nº 40040/SP

MOVIMENTO NEGRO SOCIALISTA

Racismo, racialismo e luta de classes: uma posição marxista

| Movimento Negro Socialista (MNS)



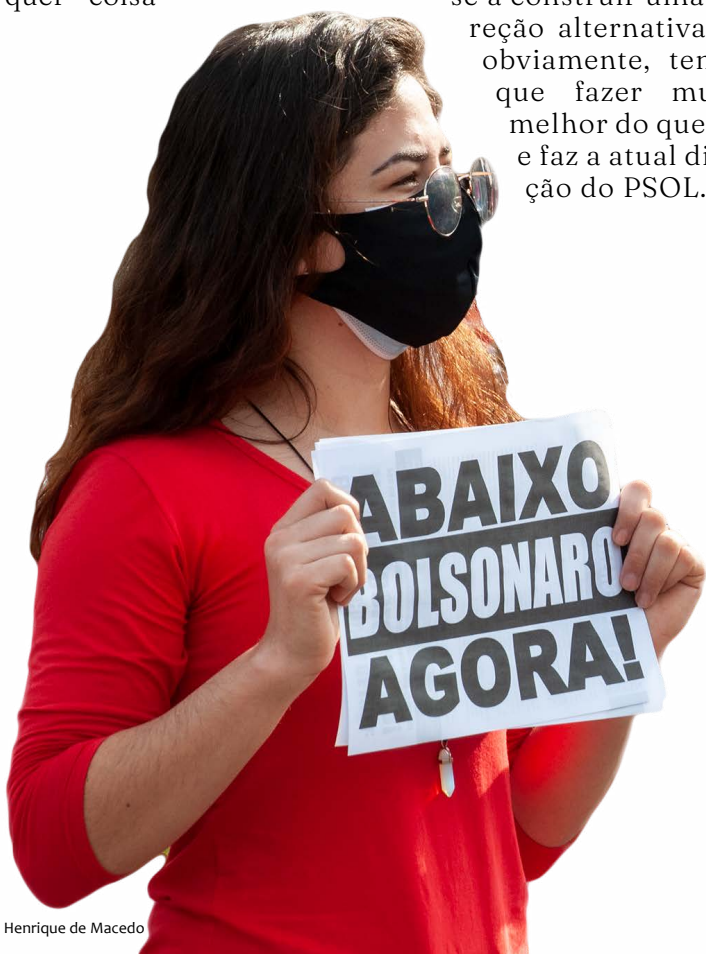
sob um governo encabeçado por um demagogo de extrema-direita e sob um governo encabeçado por um representante de um partido operário, mesmo que esse partido tenha adotado a conciliação de classes e a defesa dos interesses da burguesia. Ainda que o vice de Lula seja Alckmin, como outrora foi Temer o vice de Dilma, ou José Alencar o vice de Lula.

Claro que a presença de Alckmin na chapa pioraria as coisas, pois ele já foi testado como governante e, à frente do Palácio dos Bandeirantes e no comando da Polícia Militar de São Paulo, cometeu atrocidades contra a classe trabalhadora. No entanto, faria parte do “voto crítico” em Lula denunciar sua política de alianças com nossos inimigos de classe.

Isso nada tem a ver com votar em “qualquer coisa”

contra Bolsonaro. Se fosse uma candidatura do PSDB contra Bolsonaro, ou mesmo o Ciro Gomes contra Bolsonaro, aos lutadores da classe trabalhadora restaria anular o voto. Não haveria sentido em participar de uma disputa eleitoral interburguesa. Seria o mesmo que escolher qual carrasco cumpriria a nossa sentença de morte. Nos recusamos.

Agora, quando há um representante da classe trabalhadora no páreo, mesmo que seja um conciliador pelego, que já tenha traído a sua classe e diga isso abertamente aos quatro ventos, aplicamos a tática da frente única. Pois para superar tais representantes, a classe trabalhadora deve fazer e refazer a experiência prática com eles. Nesse processo, devemos ser capazes de ajudar a classe a construir uma direção alternativa. E, obviamente, temos que fazer muito melhor do que fez e faz a atual direção do PSOL.



Henrique de Macedo



Auguste Francois Biard

Racismo e Escravidão

O racismo é um mecanismo de opressão e de divisão dos oprimidos. Não se trata de algo inerente ao ser humano, mas que foi criado artificialmente pela burguesia para um propósito econômico, isto é, manter o uso da mão de obra escrava no período de acumulação primitiva do capital. Porém, é necessário compreender primeiramente que a escravidão de seres humanos é anterior ao racismo:

“Desde tempos imemoriais, sociedades escravizaram seres humanos como resultado de conquistas, guerras ou dívidas, mas esse ato nunca precisou de uma legitimação baseada em diferenças físicas ou intelectuais” (Uma Gota de Sangue, Demétrio Magnoli).

Engels explica em “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” que a “escravidão é a primeira forma de exploração, própria do mundo antigo”. Durante a Idade do Bronze (3.300 - 1.200 a.C.), o aumento da produção proveniente da agricultura, criação do gado, artes e ofícios domésticos, tornou a força de trabalho do homem capaz de produzir mais que o necessário para a sua subsistência e, ao mesmo tempo, aumentou a quantidade de trabalho necessário para cada membro da gens. A partir desse momento, tornou-se conveniente a aquisição de mais força de

trabalho, o que se conseguia por meio da guerra. Os prisioneiros de guerra foram transformados em escravos. Engels, então, resume:

“Da primeira divisão social do trabalho, resultou a primeira grande divisão da sociedade em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados”.

As sociedades grega e romana da antiguidade utilizaram da mão-de-obra escrava e grandes revoltas, como a de Espártaco em Roma, foram protagonizadas pelos explorados.

Quando Portugal deu a largada na exploração da costa africana, no século XVI, os primeiros escravos foram comercializados, enviados principalmente para as Américas, para substituir os escravos nativos que foram massacrados no Novo Mundo. No século XVII, a Grã-Bretanha entrou em cena e dominou o comércio de escravos africanos transportados para as Américas. É a partir desse momento que surgem as primeiras ideias racistas e que foram cristalizadas “na imprensa escrita na Grã-Bretanha no século XVIII como a ideologia da aristocracia das plantations, a classe de proprietários de terras e comerciantes de escravos que dominavam as colônias caribenhas do Império” (O racismo enquanto mecanismo de divisão, Mario Wassilikos).

O fato é que até o advento da Grande Revolução Francesa (1789-1799), a escravidão não era vista com “maus

olhos”, mas precisou de uma explicação “científica” de que existiam “raças” humanas: por que seres humanos eram escravizados se “homens nascem e são livres e iguais em direitos”, como colocava a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1789?

Mas o racismo também, nesse mesmo período, serviu para deslegitimar os levantes dos escravos coloniais, como é o caso da revolta de escravos no Haiti, inspirada pela Revolução Francesa.

Na sociedade burguesa, há uma contradição entre a igualdade formal e a desigualdade material entre o capitalista e o operário. Em uma sociedade em que ainda existem explorados e exploradores não se pode falar de igualdade real.

Uma série de guerras e revoluções sacudiram o mundo nos séculos posteriores contra a escravidão e a aboliram. Em novembro de 1864, Karl Marx redigiu a carta de saudação da Associação Internacional dos Trabalhadores à reeleição do presidente dos EUA, Abraham Lincoln, afirmando que “o grito de guerra triunfante da sua reeleição é Morte à Escravatura”. No Brasil, por mais que se venda a ideia de que houve uma transição pacífica e que a abolição foi um “presente”, as revoltas de escravos e proletários foram fundamentais para esse processo ([ver página 5](#)).

Além disso, com o desenvolvimento do capitalismo, a escravidão deixou de ser tão



lucrativa e passou a ser proibida por países imperialistas, como a Grã-Bretanha. O racismo continuou a ser perpetuado, mas agora, como instrumento de opressão e divisão dos explorados.

Até a metade do século 20, o “racismo biológico” ainda era utilizado abertamente pela classe dominante com o intuito de justificar “a dominação imperialista ocidental sobre o mundo enquanto produto da ‘superioridade inerente’ da ‘raça branca’”. O motivo central era a ideia de que a constituição biológica e psicológica de africanos, asiáticos e povos nativos de outros continentes exigia que eles fossem governados pelos brancos” (Mario Wassilikos).

A mistura dessas ideias com o nacionalismo lançou as bases para a reacionária defesa da “pureza das raças” de Arthur de Gobineau e Houston Stewart Chamberlain, que influenciou fortemente Adolf Hitler e foi utilizada pelo nazismo.

A “discriminação positiva” como forma de perpetuar o racismo

Desde o início, como vimos, o racismo foi extremamente útil para a burguesia. Com as novas descobertas científicas e com as consequências trágicas do nazismo, o racismo biológico deixou de ser defendido abertamente pelo imperialismo, mas nunca foi abandonado. Ele passou por um processo de “transformação”.

Em “Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos”, de 1915, Lenin denuncia o papel reacionário da burguesia norte-americana no período posterior à Guerra da Secessão (1861-1865):

“Após haver ‘libertado’ os negros, ela [a burguesia] se esforçou, com base no capitalismo ‘livre’ e republicano-democrático, por restabelecer tudo o que fosse possível ser restabelecido, por fazer o possível e o impossível para oprimir os negros da maneira mais descarada e vil”.

Mesmo com o fim da escravidão nos EUA, uma série de leis que impunham a segregação racial no Sul, as leis Jim Crow, permearam até a década de 1960 e só foram revogadas com o movimento dos direitos civis. Foi a partir desse momento que a burguesia capitalista adotou uma nova tática. Ao invés de utilizar de uma pseudociência para perpetuar

a segregação racial, passou-se à cooptação dos quadros que despontavam na luta contra o racismo:

“[Os] movimentos pelos direitos civis dos negros, nos Estados Unidos, tiveram como fruto deformado, e de contenção de suas lutas, o surgimento de uma política que busca ‘garantir’ a possibilidade de ascensão social para uma certa porcentagem de negros com objetivo de integrá-los ao sistema. Esta política se concentra na concessão de cotas, porcentagens, de vagas reservadas para negros. Seja cota para ingresso na universidade, seja para acesso ao trabalho no serviço público (caso de Los Angeles) ou cotas de vagas em empresas etc” (Racismo e Luta de Classes, Serge Goulart).

Foi durante os governos Lyndon Johnson (1963-1969) e Richard Nixon (1969-1974) que se desenvolveram as políticas de ações afirmativas ou “discriminação positiva”, que nada mais é que um sistema de “cotas” para negros em diversas áreas. Multinacionais - um dos maiores exemplos é a atuação da Fundação Ford - e governos começaram a financiar “projetos” de educação, cursos etc., no movimento negro para impedir a explosão social:

“Esta política participa do esforço de ‘integração’ dos negros na ‘sociedade’, ou seja, busca organizar a competição entre os próprios negros e permitir a ascensão social de uns, apresentados como ‘mais aptos’ que outros. Esta política funciona como um amortecedor para as lutas dos negros contra a opressão capitalista que aparece como opressão racista. Afinal, agora depende de você, na disputa com outros negros que tem mais ou menos as mesmas condições sociais que você. Você tem a sua chance. Há uma solução, ela é individual e depende de quantos outros negros você deixar para trás” (Racismo e Luta de Classes, Serge Goulart).

Um importante exemplo é o papel desempenhado pela Fundação Ford - organização independente da multinacional, mas criada com ações da própria Ford - que hoje administra US\$ 16 bilhões em doações para financiar programas de “promoção da democracia”, “redução do racismo” e “da pobreza”. A Fundação Ford paga milhares de “militantes” cooptados no movimento negro com altíssimos salários para a organização de escritórios e difusão das políticas de ações afirmativas.

Além da cooptação de parte da direção, as “novas pautas” não tratam mais da luta por emprego para todos, de garantia de serviços de educação e saúde públicos e gratuitos que permitam a igualdade de acesso ao conjunto da população (a igualdade republicana entre os cidadãos), mas apenas a luta pela sobrevivência do “mais apto”, destruindo os laços de solidariedade de classe e mesmo os laços de solidariedade entre as vítimas diretas do racismo intoxicadas pela “disputa com o outro”.

As cotas raciais não criam o racismo, mas o alimentam, dividem a classe trabalhadora e pressupõem a existência de raças humanas, isto é, o racismo novamente sendo perpetuado. Porém, agora, com a colaboração da “esquerda” que defende a falsa ideia de que são reformas.

Mesmo com as “ações afirmativas”, cotas, “discriminação positiva” em vigor há anos nos EUA, no Brasil, entre outros países, o racismo nunca deixou de existir. Isso porque elas não existem para resolver o problema, mas para salvar o capitalismo e, conseqüentemente, perpetuar o racismo. As explosões de 2020, após o assassinato de George Floyd pela polícia, que se espalharam mundo afora são o maior exemplo recente do ressentimento e do ódio pela opressão sofrida por trabalhadores e jovens negros e pelas condições miseráveis de vida sob o capitalismo.

O racismo, assim como a discriminação étnica e o machismo, será superado completamente pela unidade efetiva da classe trabalhadora, unidade que só pode ser o resultado concreto da sua dura experiência de luta contra o capitalismo e, depois, pela abolição das classes sociais na construção e consolidação do socialismo. Isso não significa que não devemos combater o racismo desde já, pelo contrário. É por meio das denúncias de ações racistas, no combate pela defesa de serviços públicos, gratuitos e para todos, na luta contra a repressão, pelo fim da Polícia Militar, é que podemos organizar trabalhadores e jovens, independente da sua cor, e construir um verdadeiro partido revolucionário que varrerá o racismo, o racismo e o capital, e assim conquistar a igualdade plena de todos os seres humanos.

Participe!

Nesse mês o Movimento Negro Socialista participará das mobilizações marcadas para o dia 20 e organizará uma série de atividades para discutir a questão racial e organizar os próximos combates. Participe das nossas atividades e junte-se a nós combatendo o racismo e o capitalismo!

Atividades em São Paulo:



20/11 (sábado) 14h: 18ª Marcha da Consciência Negra. Participe do nosso bloco, procure pela faixa “Ser negro não é crime/abaixo o racismo e o capitalismo” em frente ao MASP. Entre em contato: (19) 99688 0687



24/11 (quarta-feira), 19h, via Zoom: *Machismo, racismo e o capitalismo.* Inscrições clicando no link ao lado.

Atividades no Rio de Janeiro:



22/11 (segunda-feira), 20h, online: 111 anos da Revolta da Chibata e a luta contra o racismo hoje. Inscrições clicando no link ao lado.



23/11 (terça-feira), 19h: Círculo de Leitura Marxista (Nordeste). Tema: Filme Marighella. Inscrições clicando no link ao lado.



26/11 (sexta-feira), 19h, no Teatro João Caetano, Centro – RJ: Peça de teatro sobre João Cândido (Turmalina 18-50 – Cia Cerne). Contato do responsável: Felipe Araújo - WhatsApp clicando no mapa ao lado.



04/12 (sábado), 15h, online: Comitê de Ação Abaixo Bolsonaro – Nordeste: debate sobre o filme Bacurau. Contato da responsável: Beatriz: (81) 8322 2921

Atividades em Joinville:



20/11 (sábado), 14h30: Bloco da Liberdade e Luta Joinville no Ato do Dia da Consciência Negra, no Parque da Cidade, próximo à Ponte do Trabalhador. Entre em contato pelo WhatsApp: (47) 99998-5701



Curta a página do Movimento Negro Socialista (MNS) no Facebook!

20 de novembro e a luta contra o racismo hoje

| Felipe Araujo

Em 2011 foi instituído o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, no dia 20 de novembro. Essa data já era comemorada por lideranças do movimento negro e quilombola, como sendo o dia do assassinato de Zumbi, uma das lideranças do Quilombo de Palmares, na região que hoje abarca o Alagoas. Esse quilombo, ao que tudo indica, foi o mais populoso e o que resistiu por mais tempo, em toda América Latina. De modo que, para os escravocratas, era um péssimo exemplo de resistência, afinal, enfrentava o modelo escravocrata capitalista que estava sendo implantado na época no Brasil. Assim, várias expedições militares foram realizadas para acabar com Palmares, até que em 1694 uma grande ofensiva conseguiu dispersar o conjunto de mocambos que formava Palmares.

O fato era que Palmares, assim como os outros quilombos, representava uma ameaça para as oligarquias escravocratas da época, porque inspirava os escravos a resistirem e fugirem, uma vez que haveria um espaço de acolhimento para eles. Por outro lado, em Palmares não havia um movimento para derrubar o regime vigente, libertar todos os escravos como, por exemplo, aquele que ocorreria em 1791 no Haiti. Isso tornava Palmares como uma espécie de um “Estado dentro de um Estado” contido, sem a proposição de uma separação, de uma autodeterminação. Assim, na prática, os quilombos enfrentavam o modelo de escravidão capitalista europeu mas, não havia uma proposta de derrubar a classe dominante. Em verdade, os aquilombados resgatavam as antigas práticas de gestão políticas pré-coloniais, em modelos de espécie de monarquias aos moldes africanos.

A escravidão ao longo dos séculos sempre trouxe consigo as revoltas, mas a luta pelo fim da escravidão começou a ganhar força a partir do século 19 quando entram em cena os primeiros contingentes da

classe operária. Em diversas categorias, nessa época, trabalhadores e escravos trabalhavam juntos, resultando em um rebaixamento geral dos salários. Logo, o nascente movimento operário começou a adotar a bandeira da abolição. A pequena burguesia das cidades, arrastada por esse vento que veio de baixo, aderiu com força ao movimento e os grandes proprietários de terra ficaram sem, já que não conseguiram formar uma base social própria com a nova burguesia que se formava.

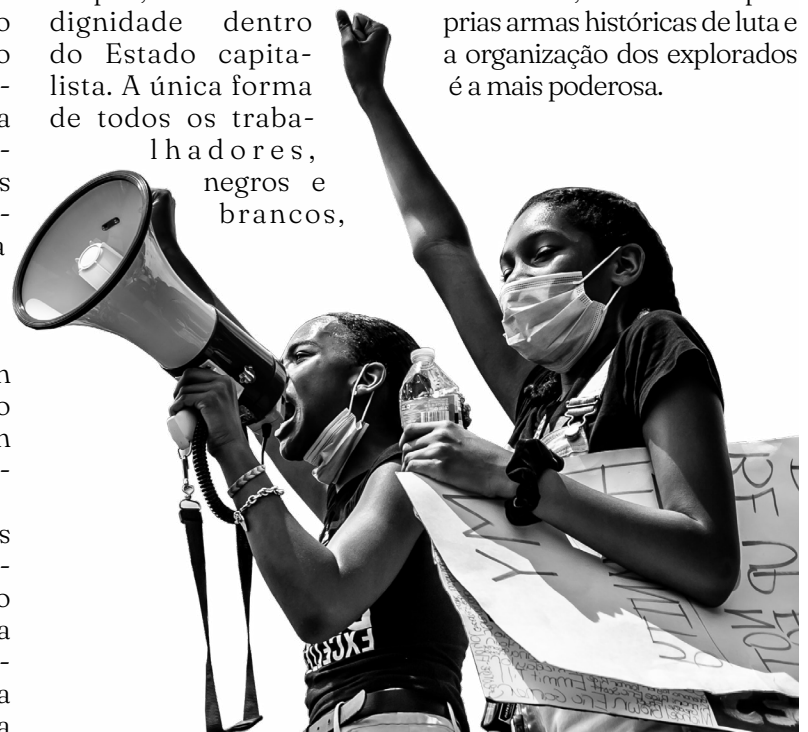
Na década de 1830, uma série de revoltas e revoluções varreram o Brasil. Balaiada, Revolta do Malês, Revolução Farroupilha etc., dirigidas por pequeno-burgueses ou pelos próprios escravos tinham como objetivo mudar o Estado imperial, baseado nos grandes proprietários de terra, para um Estado republicano burguês. As revoltas e fugas que aconteceram após a Guerra do Paraguai também carregavam em suas bandeiras a luta abolicionista. A escravidão no Brasil só chegou ao fim por meio das lutas e das revoltas, da aliança entre escravos e a classe operária.

Hoje, assim como no passado, não é possível ter a ilusão de que os negros poderão ter uma vida de paz, liberdade e dignidade dentro do Estado capitalista. A única forma de todos os trabalhadores, negros e brancos,

se libertarem de fato é construindo uma nova sociedade, socialista.

Precisamos sim relembrar a luta corajosa dos negros escravizados em não aceitar o regime do açoite que lhes era imposto pela classe dominante sabendo que a luta contra o racismo e a exploração hoje exige enfrentar o regime da propriedade privada dos grandes meios de produção que criou e se utiliza do racismo para dividir os explorados entre brancos e negros e assim perpetuar a escravidão moderna, isto é, a escravidão assalariada do capital.

Assim, o 20 de novembro não deve ser para apenas relembrar a história de luta de Palmares. No Dia da Consciência Negra devemos nos lembrar da exploração e da humilhação que milhões de brasileiros passam todos os dias, da falta de serviços públicos, da miséria, da fome e da opressão, do racismo que existe no Brasil. E que ela só pode ser sanada se a classe tomar o poder e impor suas reivindicações, isso é, em um governo dos trabalhadores. Nesse dia, devemos nos lembrar que não existem raças humanas, e que essa foi mais uma invenção da classe dominante para perpetuar seu regime. Mas também devemos lembrar que nós, trabalhadores, temos nossas próprias armas históricas de luta e a organização dos explorados é a mais poderosa.



Sou Liberdade e Luta: nova brochura apresenta lutas e campanhas da LL

É com orgulho que a Liberdade e Luta lançou neste ano a brochura “Sou Liberdade e Luta”, que conta nossa história, lutas e campanhas, mas também é um material político de construção, dado que sua apresentação, arrecadação e discussão é fonte preciosa para novos recrutamentos para as fileiras do socialismo e da revolução. Nesse ano, decidimos orientar todas nossas publicações para as versões PDF e Yumpu, incluindo esse mais novo lançamento. No próximo ano, se houver um retorno presencial seguro, retomaremos a impressão de nossas brochuras para difusão em bancas e atividades e “Sou Liberdade e Luta” ganhará também um formato físico. Enquanto isso, contribua conosco lendo e comprando sua versão virtual. Não pare na leitura: estude, organize e mobilize-se em defesa do socialismo e da revolução!

Apresentação da brochura “Sou Liberdade e Luta”

Evandro Colzani

A juventude cumpre um papel diferente na sociedade capitalista, ela não pertence a uma classe específica, mas pode e deve ser ganha pelos revolucionários para as fileiras da revolução socialista, isto é, para estar ao lado da classe trabalhadora, já que são os jovens que podem dar um impulso fundamental na luta. A coragem, o entusiasmo, a disposição e o sacrifício são características dos mais jovens e essa força é capaz de arrastar batalhões de operários para o combate, reanimar trabalhadores que desanimaram em algum momento e renovar as fileiras revolucionárias.

A Revolução Russa de 1917 não apenas contou com a ampla participação de jovens estudantes, operários, camponeses e soldados, mas teve, na sua direção, o Partido Bolchevique, historicamente criticado por seus opositores por ser um partido de “garotos”. Lenin, Trotsky, Sverdlov, Zinoviev, entre outros dirigentes bolcheviques, conheceram o marxismo e o partido com 16, 17, 18 anos. Com essa idade, muitos dos jovens bolcheviques já eram respeitados por operários fabris e camponeses. Lenin via na juventude de seu partido um elemento de força.

Mas esse conjunto de qualidades de um jovem (ânimo, disposição de luta...) podem rapidamente desaparecer se a prática não estiver diretamente conectada com a teoria revolucionária. A maior tarefa de um jovem

consiste em aprender, com a História, com a Ciência, com a Literatura, com a teoria marxista e, acima de tudo, com a classe operária.

Os artigos publicados nessa brochura são um relato dos combates realizados pela Liberdade e Luta nos primeiros cinco anos de existência das campanhas que estão em desenvolvimento. Mas são, ao mesmo tempo, fruto do esforço teórico desses jovens militantes que tentaram compreender cada ataque, cada reivindicação e explicar qual deve ser o papel dos revolucionários que lutam pelos serviços públicos, gratuitos e para todos, contra a Lei da Mordaca (projeto Escola Sem Partido), contra a Reforma do Ensino, por vacina para todos, em defesa das universidades públicas, e pelo socialismo.

A Liberdade e Luta, fundada em uma fábrica ocupada por mais de 15 anos pelos trabalhadores, a Flaskô em Sumaré-SP, reúne em seu entorno esse tipo de juventude, que busca transformar a sociedade, que quer aprender com os livros e com ação cotidiana, que busca enxergar o mundo com os olhos da classe trabalhadora.

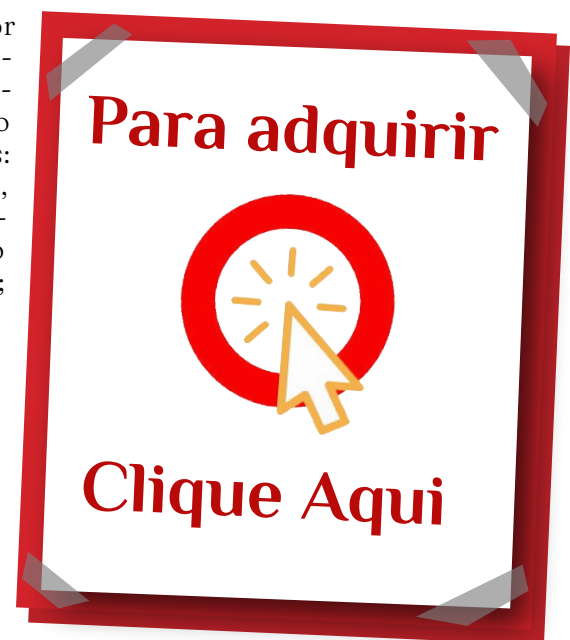
Essa brochura é resultado dos cinco anos de existência da Liberdade e Luta, traduzidos em artigos escritos pelos próprios militantes. Nela, a conjuntura que levou a nossa fundação, as Jornadas de Junho de 2013, é

contada por meio da campanha “Público, Gratuito e Para Todos: transporte, saúde e educação! Abaixo a repressão!”, nosso acampamento de fundação na Fábrica Ocupada Flaskô em 2016 e desde então, nossas campanhas e as lutas que tr a v a m o s até aqui. Nossos princípios também estão registrados na brochura: a preocupação com a teoria revolucionária, a práxis da aliança operário-estudantil e a luta irreverente e incansável pela vitória do socialismo internacional.

Hasteamos nesses cinco anos a bandeira internacionalista de

solidariedade entre os trabalhadores de todo mundo e, certos de sua vitória contra a miséria, opressão e exploração capitalista, continuaremos vivendo e lutando por um mundo onde possamos ser realmente livres!

Vida longa à Liberdade e Luta!



No dia 31 de janeiro de 2016, há cinco anos, nascia a Liberdade e Luta, organização que em seu manifesto de fundação declarou seu objetivo de “reunir a juventude em defesa de uma plataforma revolucionária de reivindicações, contra o capitalismo e pela construção de uma nova sociedade no Brasil e no mundo”.

O marxismo nos ensina que a única classe social genuinamente revolucionária no capitalismo é a classe trabalhadora. Apesar de possuir apenas a sua força de trabalho e ser obrigada a vendê-la para garantir a sua própria existência, os trabalhadores são os que tudo produzem: nenhuma lâmpada se acende, nenhuma roda gira sem a permissão da classe operária. O papel que ocupa essa classe na produção capitalista é o que a torna a principal força transformadora.



O último módulo do ano da Universidade Marxista Brasil terá como tema A Revolução Alemã, que completou 103 anos desde o levante dos marinheiros, soldados e trabalhadores em novembro de 1918.

Em meados daquele ano, a derrota militar do Império alemão na 1ª Guerra Mundial era iminente, um fato reconhecido inclusive pelo Alto Comando do Exército – que era quem de fato governava o país em nome da monarquia de Guilherme II. Mas, os termos para assinar a paz mostravam-se extremamente duros e humilhantes para os membros da nobreza, os *junkers*, que passaram anos se empenhando para convencer as massas da certeza de vitória que, ao fim, justificaria todos os sacrifícios sofridos.

Assim, uma crise se abriu entre os de cima: os militares reconheceriam a derrota e se renderiam? Quem negociaria a paz, ou melhor, quem iria assinar os últimos ditados pela Entente?

Mas, assim como a paz era inevitável, a revolução também era. As massas alemãs já estavam fartas da guerra, da censura, do estado de sítio, das prisões preventivas. Não suportavam mais a fome, as privações,

as péssimas condições de vida.

Cada vez mais culpavam os governantes pela situação e aspiravam pela paz. O exemplo vindo da Rússia batia forte nos corações dos trabalhadores alemães: os russos derrubaram o czar, assinaram a paz e ergueram um governo socialista. Era exatamente isso que as massas desejavam para a Alemanha!

A classe dominante buscou fazer “uma revolução por cima” para evitar a revolução de baixo e uma manobra política conduziu ao governo uma coalizão de partidos do *Reichstag* (o dócil parlamento imperial), entre eles, o Partido Social-Democrata Alemão (SPD). Assim, o alto-comando militar, sem nenhum alarde, havia passado a responsabilidade de assinar a paz para os líderes civis.

É importante ressaltar que o SPD havia sofrido uma metamorfose nas últimas décadas. Havia se constituído como o representante direto dos trabalhadores alemães e estava profundamente enraizado no proletariado. Porém, a partir de sua direção, operou uma linha política de abandono dos princípios socialistas e de rechaço à revolução social em prol da democracia burguesa e do reformismo social. Isso levou o partido, no momento decisivo, a apoiar os créditos de guerra em 1914

Universidade Marxista Brasil irá debater as lições das revoluções alemãs

Rafael Prata

e, portanto, a se colocar ao lado da sua própria burguesia contra os trabalhadores dos outros países. Mais do

As massas alemãs já estavam fartas da guerra, da censura, do estado de sítio, das prisões preventivas. Não suportavam mais a fome, as privações, as péssimas condições de vida.

que isso, o SPD aceitou as regras do jogo do Alto Comando militar durante os anos de guerra: desmobilizou suas bases e buscou abafar as vozes e as iniciativas dos descontentes. E assim, no momento crítico para o regime, foi alçado ao governo como última tentativa para salvaguardá-lo.

Mesmo depois dessas manobras políticas “por cima”, a revolução começou embaixo após um incidente nos portos de Kiel. Os marinheiros da frota imperial se recusaram a cumprir ordens de zarpar por acreditarem que isso romperia o armistício e se amotinaram. Formaram conselhos de marinheiros e destituíram seus oficiais. Buscaram apoio nos trabalhadores, que também se levantaram em conselhos operários e, assim, cidade após cidade, feito uma mancha de petróleo, os conselhos de operários e soldados haviam se tornado uma força irresistível por todo o país e alcançavam a capital, Berlim. Guilherme II é “orientado” a abdicar.

Uma situação de duplo poder se abriu na Alemanha. De um lado os conselhos, para onde as massas afluíam. De outro, os restos governamentais e institucionais do Reich. Mas, de maneira semelhante à revolução de fevereiro na Rússia em 1917, os trabalhadores alemães concederam primeiramente o poder aos reformistas, em particular ao SPD. E este, por sua vez, trabalhou para se desfazer

dos conselhos e erguer uma República burguesa, seja através da convocação e eleição de uma Assembleia Constituinte, seja principalmente pela força!

Apesar dos ataques da contrarrevolução, os trabalhadores alemães se levantariam por várias vezes ao longo do período conhecido como República de Weimar e poderiam ter decidido a situação favoravelmente ao socialismo, se não fosse a traição da social-democracia, os próprios erros iniciais e a rápida degeneração stalinista do Partido Comunista Alemão.

Neste módulo da UMB, vamos abordar não apenas o conteúdo apresentado aqui, mas também a atuação da Liga Espartaquista e o papel de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht antes e durante a revolução. Estudar a falta que fez um Partido Comunista constituído durante aqueles meses revolucionários e avaliar seus erros iniciais, como sua tendência a um esquerdismo infantil e seus zigue-zagues, além de sua posterior degeneração stalinista: fato que ajudou a dividir a classe operária e facilitou a ascensão de Hitler ao poder.



INSCREVA-SE!



Quando? 11/12

Horário: 15h

Clique e faça sua inscrição



No último final de semana de outubro aconteceu o Festival da Revolução 2021 (*Revolution Festival 2021*), em Londres, um evento que discutiu a importância do marxismo para nossa sociedade, que tem tido cada vez menos saídas para escapar das mazelas do capitalismo. Com mais de 600 participantes, os camaradas da seção britânica da CMI organizaram um marco inspirador a todos que colocam em xeque a capacidade desse sistema em atender às necessidades de toda humanidade.

O Festival da Revolução 2021 ocorreu de forma presencial após dois anos de pandemia e também reuniu ativistas de outros países como Alemanha, Suíça, Áustria e França.



Rob Sewell – editor do *Socialist Appeal* – abriu a atividade enfocando que o capitalismo britânico está na pior crise em mais de 300 anos e que, apesar das promessas dos governan-

O Festival da Revolução 2021 em Londres e a força do marxismo

Michelle Vasconcellos

tes, são os trabalhadores que pagam pela manutenção desse sistema por meio de cortes e políticas de austeridade. E na medida em que essas perdas forem sentidas, abrir-se-á um novo período de luta de classes no país. Outros relatos complementaram o primeiro dia, trazendo falas sobre os movimentos trabalhista e estudantil, que chamaram a atenção para as condições de vida, serviços precarizados e a necessidade de controle democrático dos trabalhadores.

Ao longo do final de semana, cinco palestras ocorreram simultaneamente nos diversos períodos. Abordando temas sobre importantes momentos da História, bem como a atual situação política dos demais países na atualidade e seus principais acontecimentos, deixou aos participantes a desafiadora tarefa de fazer uma escolha dentre tantas possibilidades.

Houve também palestras introdutórias sobre economia e filosofia que abordaram os fundamentos do marxismo. A ênfase na abordagem marxista sobre a dialética, o materialismo, a moralidade e o pós-modernismo dialogam com a campanha global da CMI quanto à necessidade de elevar a importância da filosofia e dos conceitos fundamentais como norteadores das lutas, e ideias que dão sustentação ao método revolucionário.

É nesse sentido que o novo livro de Alan Woods, *The History of Philosophy: a marxist perspective* (em tradução livre “A História da Filosofia: uma perspectiva marxista”), foi escrito. A obra ainda não foi publicada em português. Nela, Alan demonstra a importância da filosofia no conhecimento do mundo e de seu funcionamento para mudá-lo. Durante o lançamento do livro no evento, o próprio

autor parafraseou Lenin ao reforçar que “*sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário*”. Assim, a apropriação da filosofia e da teoria marxista é um esforço que deve ser perseguido por todos aqueles que desejam se comprometer com a causa da revolução socialista.

Outro ponto a ser destacado é o comprometimento que os participantes demonstraram quanto às bases

da independência política e financeira de uma organização revolucionária, ao permanecerem nas discussões sobre as finanças da organização e acrescentarem, em doações espontâneas, mais 16 mil libras às arrecadações do evento. O comprometimento e o sacrifício revolucionário, sobretudo em tempos de crise, denotam a determinação para a construção de uma força marxista de massa que pode desempenhar um papel decisivo nos eventos revolucionários que se aproximam.

O efervescente Festival da Revolução 2021 ofereceu uma formação inestimável sobre ideias marxistas aos seus participantes e atualizaram a potência de transformação que elas tem, sobretudo, quando levadas às lutas que estão ocorrendo nas ruas, demonstrando o quanto se conectam às necessidades dos trabalhadores e da juventude de todo mundo.

